

RELATO DE PESQUISA

Glória a Deus!– sobre o input que vem de fora

Pedro PERINI-SANTOS 

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

RESUMO

Este artigo discorre sobre a aquisição de expressões religiosas que não foram direcionadas para a criança, mas que são por ela usadas. Sustenta-se a hipótese que as crianças aprendem palavras e expressões que não ocorrem durante os diálogos com seus pais, mas em contextos de interação dialógica mais abrangentes. Em função dessa constatação, propõe-se a ampliação da extensão do input nas interações conversacionais. Com tal objetivo, serão expostos dados provenientes de um corpus oral longitudinal naturalístico coletado junto a uma família monolíngue falante do Português do Brasil constituída por mãe, avó e filho. Esta pesquisa assume os princípios da abordagem interacionista que pautam a significativa importância dos diálogos na aquisição da língua materna.

ABSTRACT

This article discusses the acquisition of religious expressions that were not directly addressed to the child but are used by them. The hypothesis is put forth that children learn words and expressions that do not occur during dialogues with their parents, but in broader contexts of dialogic interaction. The extension of input in conversational interactions is proposed. With this objective, data from a longitudinal naturalistic oral corpus collected from a monolingual Brazilian Portuguese-speaking family consisting of a mother, grandmother, and son will be presented. The principles of the interactionist approach, which emphasize the very importance of dialogues, are assumed for this research.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição da língua materna; Diálogos; Input; Interações conversacionais; Expressões religiosas.



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Marianne C. B. Cavalcante (UFPB)
- Alessandra DEL RÉ (Unesp)
- Christelle Dodane (Université Sorbonne Nouvelle)

AVALIADO POR

- Angelina Nunes de Vasconcelos (UFAL)
- Severina Sílvia Maria Oliveira Ferreira (UniFAFIRE)

DATAS

- Recebido: 03/07/2023
- Aceito: 12/03/2024
- Publicado: 09/09/2024

COMO CITAR

Perini-Santos, P. (2024). Glória a Deus!– sobre o input que vem de fora. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 776-796, 2024.

KEYWORDS

First language acquisition; Dialogues; Input; Conversational interactions; Religious expressions.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Nem todas as palavras faladas pelas crianças foram aprendidas durante as conversas com os pais. As falas que ocorrem paralelamente às conversas entre pais e filhos também são fonte para a aquisição da língua materna. Este é o objetivo deste breve texto: mostrar que as crianças aprendem e usam expressões que escutam em ambientes de conversa mais abrangentes do que os bate-papos de sua casa. Para isso, vou apresentar alguns trechos de diálogos entre mãe e filho em que isso acontece. Para surpresa da mãe, o filho usa algumas expressões religiosas, como “Glória a Deus” e “Obra de Jesus”, que não aprendeu com ela. Essa pesquisa é importante, porque aponta para uma reflexão que se deve fazer sobre a vida comunicativa das crianças: as conversas que elas escutam ou que elas participam com os familiares, com amigos e com professores têm efeito para elas. E mais, aquilo que as crianças escutam de fontes ao vivo, pela internet ou pelo celular também trazem informações que serão por elas absorvidas e processadas. O ambiente comunicativo que elas integram tem efeitos sobre sua vida comunicativa.

Introdução

Glória a Deus! Essa é uma das expressões religiosas usadas por uma criança com dois anos e meio de idade que serão consideradas neste relato de pesquisa desenvolvida a partir da análise de um *corpus* oral infantil naturalístico. À luz da interpretação interacionista, a presente pesquisa reconhece em ocorrências lexicais razão para propor que as crianças incorporam mais informações linguísticas do que aquelas que lhes são diretamente dirigidas durante os momentos de conversa com seus responsáveis. Sustenta-se que a extensão do dito *input* infantil deve ser ampliada para além dos enunciados direcionados para a criança.¹ Com esse intuito, serão apresentados cinco excertos de diálogos entre mãe e filho em que ocorrem expressões religiosas que foram pela criança introduzidas nas conversas. Antes porém da análise dos dados, discorrerei de forma sucinta sobre o protagonismo do diálogo na aquisição da língua materna e sobre a metodologia usada na compilação do *corpus* desta pesquisa.

¹ Este artigo corrobora o que propõem as pesquisas dedicadas ao mesmo tema, ou a assuntos correlatos, desenvolvidas por Ferguson (1964), Hart e Risley (1995), Barbosa et al. (2014), de Loukatou et al. (2021), Suttora et al. (2021) e Jean et al. (2022)

1. O Protagonismo do diálogo na aquisição da língua materna

Há consenso entre os pesquisadores que estudam a aquisição da língua materna de forma interacionista que é durante os diálogos que as crianças aprendem a falar. Halliday (1967), Braun-Lamesch (1972), Bates (1975), Tomasello e Todd (1983), Tomasello (2000, 2003), Clark e Chouinard (2000), Komesu (2002), De Lemos (2002), François (2005), Clark (2009), Baldwin e Meyer (2009), Luo *et al.* (2011), Snow (2014), Perini-Santos *et al.* (2019), Figueira (2019), Morgenstern *et al.* (2021) e Morgenstern (2022) são alguns desses trabalhos de pesquisa que reconhecem o protagonismo dos diálogos na aquisição da língua materna. Em Figueira, justifica-se a escolha metodológica dos diálogos como unidades de análise, porque é durante a alternância de turnos de fala que se dão “as situações rotineiras de interação” que incluem “quem fala, a quem se fala e as expectativas que cada qual reconhece no outro a quem a fala é dirigida” (FIGUEIRA, 2019, p. 106). Komesu (2002) destaca que se se leva “em consideração o diálogo”, há, ademais, um ganho epistêmico:

Coloca-se em jogo não somente a fala da criança, mas também a escuta a que ela é submetida no processo da aquisição. A singularidade dessa proposta é reconhecida por articular, de maneira sincrônica, as noções de língua e de outro na constituição do sujeito falante. Como ganho teórico, portanto, destacam-se o papel do outro e a assunção de diferenças individuais no processo da aquisição da linguagem. (KOMESU, 2002, p.58)

Sobre essa premissa dialógica, apesar de Saussure não ter “desenvolvido uma teoria sobre a aquisição da linguagem” (FIGUEIRA, 2018, p. 4), não há óbice em salientar que a afirmação sobre o fato de Circuito da Fala supor “ pelo menos dois indivíduos [...] para que o Circuito seja completo” (SAUSSURE, 2006, p. 19) se aplica aos dialógicos infantis. Para o mestre genebrino, a produção linguística dos interlocutores adultos ou infantis ocorre de forma a se supor a apropriação da imagem verbal pelo outro participante do diálogo. “De fato, é fundamental observar que a imagem verbal não se confunde com o próprio som e que é psíquica, do mesmo modo que o conceito que lhe está associado.” (SAUSSURE, 2006, p. 20). O ato de fala individual, pois, “não é senão o embrião da linguagem” do qual “impõe-se sair [...] e abordar o fato social” (SAUSSURE, 2006, p. 21).²

Em sua apropriação da pesquisa de Bruner (1990), Bakhurst e Shanker propõem que o ser humano não é um processador de informação isolado e atômico. Os significados são culturais e “negociados com mundo” (BAKHURST; SHANKER, 2001, p. 2). No mesmo tom, Enfield sustenta que “é na conversa que a linguagem vive e respira”, conseqüentemente, “a conversação é o veículo em que a linguagem é mais usada. Quando as crianças aprendem sua língua nativa, elas a aprendem durante a conversação” (ENFIELD, 2017, p. 20). Ou seja, na maior parte do tempo de uso, a aprendizagem linguística infantil ocorre em situações de interação dialógica.

² Há vasta discussão sobre os escritos de Saussure recentemente publicados e a *parole* infantil. Sobre o tema, ver Figueira (2018, 2023).

As referidas premissas sobre o protagonismo do diálogo na aquisição da língua materna são comumente aludidas como “tradições interacionistas e funcionalistas que consideram a aquisição da linguagem dentro do escopo do uso da língua” (ORVING-SALAZAR *et al.*, 2021, p. 160). Essa epistemologia, à qual dá-se o nome dialogismo, é descrita como uma forma de pesquisa que analisa o uso linguístico como “enunciados em continuidade (e em resposta) ao enunciado do outro”, sendo que assim “como os enunciados dos adultos, os [enunciados] das crianças são heteroglóticos, *i.e.*, são construídos pelo discurso do outro (BAKHTIN,1975). Esta característica fundamental dos enunciados explica o papel do diálogo no processo de aquisição.” (ORVING-SALAZAR *et al.*, 2021, p. 160). Ao integrar um diálogo com um adulto ou com uma outra criança, os falantes infantis escutam o que reconhecem ser a eles dirigido e respondem aquilo que lhes parece pertinente no momento da interação. Daí que as expressões *input* e seu corolário *intaken* podem ser inicialmente apresentadas como aquilo que a criança escuta, interpreta e repercute durante suas interações dialógicas com adulto na prática da Fala Dirigida à Criança (FDC), em inglês, *Child Direct Speech (CDS)*.³

A CDS é uma prática comunicativa com propósitos didáticos que faz escolhas facilitadoras para a compressão do infante. Entre os vários recursos comunicativos possíveis, a CDS pode destacar traços discursivos e gramaticais como o prolongamento de fonemas de plural, fazer uso abundante de questões iniciadas pelas formas interrogativas quem, como, o que e onde, e pode ainda selecionar um rol vocabular composto por palavras semanticamente vizinhas.⁴ Para este artigo, mesmo que não se manifestem os traços aqui elencados na fala da mãe, mantém-se a designação CDS, compreendida como a fala direcionada para a criança.

2. Para além dos diálogos – sobre as interações conversacionais

Este artigo sustenta que se estenda o sentido de *input* para além da interação dialógica adulto/criança. No lugar da acima referida prática da CDS, mais vale pensar, nos termos de Hoff e Niagles (2002), em “interações conversacionais” que comportam as falas direcionadas aos infantes e as demais falas que ocorrem no ambiente de interação discursiva da qual participam. Nos termos de Slobin, vale pensar em “exposição à linguagem” (em inglês, “*exposure language*”), como relata Ravid (2008, p. 26). As nomeações “interações conversacionais” e “exposição à linguagem” se justificam pelo fato de as crianças perceberem

³ Faria se refere ao *input* como “*dado linguístico disponível*” em sua apresentação crítica e contextualizada sobre a querela entre Chomsky e Skinner nos anos 1950. Faria explica que “a noção de estímulo não é exclusiva da psicologia behaviorista. Sua presença na área, com o sentido de “um evento ambiental que estimula órgãos sensoriais (Baum, 1999) reflexe uma incorporação do termo da neurologia” (2005, p.71). A função atribuída ao conceito tem valor opositivo à proposta behaviorista. Por isso, para além do referente, não se desenvolveu no gerativismo uma descrição sobre o *input*.

⁴ Para uma extensa e detalhada descrição da CDS e conceitos correlatos, ver Jones *et al.* (2023). Com o mesmo intuito, ver Baia *et al.* (2019)

e processarem mais do que lhes é diretamente dirigido. Especificamente sobre a aprendizagem lexical, Hoff e Naigles observam que a aquisição de novas palavras provém da experiência. E a experiência a ser considerada é “a interação conversacional, porque é neste contexto que a exposição à linguagem acontece” (HOFF; NAIGLES, 2002, p. 418). As autoras reconhecem não haver clareza se “a aprendizagem lexical se deu em função da participação ou da escuta das conversas” (HOFF; NAIGLES, 2002, p. 418) e expõem dois cenários possíveis para o entendimento do uso de novas palavras pelas crianças.

2.1. Interações pragmáticas – sobre o alinhamento externo

O primeiro cenário é externo às díades adulto/criança e tem caráter socio-pragmático. A criança reconhece o foco e a intencionalidade do ato comunicativo produzido pelo adulto e, por inferência, compreende e apreende o significado das novas palavras. Segundo as autoras, estudos dedicados ao tema indicam que a atenção da criança não fica à mercê da fala do adulto. Não se faz necessário o direcionamento da fala do adulto para a criança para que a aquisição lexical ocorra, porque “as crianças têm a habilidade de reconhecer as intenções comunicativas da mãe” (HOFF; NAIGLES, 2002, p. 419). As conversas que ocorrem em ambientes de “interação conversacional” experienciados pelas crianças oferecem informações passíveis de interpretações, associações, analogias e inferências pelos falantes infantis. Para Tomasello e Todd, citam as autoras, “qualquer uso de linguagem feito por um adulto em contextos [de interação social] de imediato terá algum significado para a criança” (TOMASELLO; TODD, 1983, p. 199, *apud* HOFF; NAIGLES, 2002, p. 418). Assim, neste primeiro cenário pragmático, “a aprendizagem de palavras começa quando as crianças reconhecem os outros como agentes intencionais, assumem que há alguma intenção comunicativa por trás das vocalizações por eles produzidas e descobrem, com sucesso, quais são essas intenções. (HOFF, NAIGLES, 2002, p. 419)”

Vale aqui mencionar o trabalho de Dijksterhuins e Barg, cujas pesquisas sustentam que “a percepção de uma ação ativa a representação mental desta ação que, a seu turno, leva à realização de outra ação.” (DIJKSTERHUINS; BARG, 2001, p. 8) A escuta, por si só, já atribui participação à criança.

Outro elemento que compõe os ambientes de interação conversacional é a rotinização da fala. Mesmo quando não reconhecem (todos) os significantes produzidos pelos pais, as crianças compartilham com eles a atenção nas formas linguísticas usadas durante a execução de atividades cotidianas. O compartilhamento do duplo foco de atenção aos objetos e às expressões referenciais narrativas e descritivas acontece durante as práticas rotineiras que envolvem o cuidado parental com o deslocamento, a higiene e a alimentação da criança. Durante as interações que envolvem a atenção compartilhada no dia a dia, os diálogos têm papel precípua na aquisição da linguagem. Segundo Garrod e Pickering, para que essas trocas simbólicas dialógicas ocorram, se faz necessária a efetivação de “alinhamento”:

Para haver compreensão compartilhada, os interlocutores precisam alinhar seus modelos situacionais, que são representações multidimensionais que contêm informações sobre o espaço, o tempo, a causalidade, a intencionalidade e sobre aquilo que é, no momento [da interação], pertinente para os interlocutores. (GARROD; PICKERING, 2004, p. 8)

Vejamos um exemplo. Em pesquisa sobre o efeito discursivo que exercem as perguntas durante as leituras compartilhadas com crianças, Sá (2023) analisa um trecho de diálogo que ilustra o que é o alinhamento entre mãe e filho. Munida de um livro infantil ilustrado, a mãe-pesquisadora lê para a criança uma passagem sobre ‘os efeitos do espirro do jacaré’:

Mãe: De repente, sem dar tempo de mais alguém chegar, o jacaré bufou e começou a ofegar e Ati-chimmmmm!

A leitura suscitou perguntas, respostas e comentários entre os dois interlocutores, como se observa a seguir:

Criança: Aí, saiu a pena, o graveto, as nozes, o dente, a cenoura, o pedaço de sabão, a pena, a cartola.

Mãe (a): Então, com o espirro dele...

Criança (b): ...o pedregulho, a mosca, saiu tudo.

Mãe (c): Com o espirro dele tudo saiu inclusive o...

Criança (d): ...dente.

Nota-se que a criança, então com 5 anos e 9 meses, incorpora à sua fala elementos como a pena, o graveto, o dente etc... que não haviam sido apresentados pelo texto do livro, mas por suas imagens. Logo em seguida, com a produção das expressões linguísticas (b) e (d), a criança “completa” as sentenças iniciadas pela mãe nos turnos de fala (a) e (c) imediatamente anteriores. Nesse breve relato, reconhecem-se alinhamentos semiológicos de imagem e de texto. Em sua pesquisa de um corpus oral semi-espontâneo, Sá constata que, de um total de 656 perguntas analisadas em sua pesquisa, apenas 2% não obtiveram alguma forma de resposta do filho. “Esse fato”, sintetiza, “aponta para o alinhamento existente entre a pesquisadora e o informante, bem como sobre o assunto abordado durante a leitura”. (Sá, 2023, p. 38).

2.2. Interações sentenciais – sobre o alinhamento interno

O segundo cenário apresentado por Hoff e Naigles (2002) tem caráter interno. Aqui consideram-se as ocorrências linguísticas elas mesmas que, “junto com o contexto não linguístico, fornecem informações que serão consideradas pelas crianças na descoberta do significado das palavras” (HOFF; NAIGLES, 2002, p. 418). Esse fato pode ser comprovado pelo efeito positivo de aprendizagem proveniente da “densidade de vizinhança” semântica e temática do léxico selecionado pelos adultos em suas falas com as crianças (COADY; ASLIN, 2003).

Os dois cenários não são excludentes. O caráter múltiplo das fontes informativas internas e externas opera de forma colaborativa “na construção de uma narrativa integrativa sobre como acontece a aprendizagem lexical” (HOFF; NAIGLES, 2002, p. 418).

3. Falando de boca cheia – Aprendendo durante o jantar em família

Em artigo sobre as práticas conversacionais da hora do jantar em família, Morgenstern e equipe (2021) discorrem sobre a contextualização social da aprendizagem infantil durante a referida refeição. As autoras chamam a atenção para o fato de que “a maior parte dos estudos sobre o desenvolvimento da linguagem ter focado a fala diádica: a criança conversa com uma outra pessoa ou com uma pesquisadora” (MORGENSTERN *et al.*, 2021, p. 45). Não se nega a presença de elementos multimodais e de elementos linguísticos externos às díades, ressaltam, mas pouco se considera sobre o que se aprende a partir das interações discursivas indiretas às quais as crianças são expostas em ambiente conversacionais domésticos, escolares ou algures. Morgenstern *et al.* (2021) elegeram as refeições noturnas de famílias francesas, porque durante esses momentos “as crianças e os adultos desempenham papéis diferentes e falam sobre temas diferentes durante as conversas caseiras cotidianas” (MORGENSTERN *et al.*, 2021, p. 51). Os jantares de família são “*habitats comunicativos* em que as crianças desenvolvem sua socialização linguística, privilegiando as interações pluriparticipes mais complexas” (MORGENSTERN *et al.*, 2021, p. 51). Nesse tempo/espaço experienciado pelos familiares, vive-se uma situação ótima da interação conversacional em função da proximidade física: estão juntos à mesa; do compartilhamento do foco discursivo: os temas das conversas e das reflexões são propostos pelos pares; e em função da cooperatividade inerente às práticas alimentares: o preparo, a disposição e o consumo do alimento.

Sobre a metodologia de pesquisa, não é por acaso que Morgenstern e equipe aludem aos trabalhos de descrição da dialogia propostos por Sacks nos anos 1960.⁵ À época, Sacks “já recomendada/incentivava o uso dos registros em vídeo para assim obter, analisar e compartilhar as sequências [de interação] que revelam a estrutura das práticas do dia a dia” (MORGENSTERN *et al.*, 2021, p. 49). As autoras argumentam que, para compreender a aprendizagem social e a participação infantil nas interações pluriparticipativas, é crucial “descrever como as crianças escutam os pais e os demais adultos e como elas participam de conversas colaborativas e ampliam suas experiências em diversos gêneros discursivos” (MORGENSTERN *et al.*, 2021, p. 46). A coleta de dados da pesquisa francesa foi monitorada por dois observadores junto a famílias de classe média alta. Os registros foram feitos em vídeo durante as refeições noturnas em dias úteis e duraram em média 40 minutos cada um deles. Ao todo, foram filmados dois jantares de 8 famílias compostas por pais que trabalham fora de casa e que têm pelo menos um dos filhos com idade entre 7 e 11 anos.⁶ Nos 16 jantares registrados e analisados, entre outras observações interessantes, as autoras observaram que

⁵ Em trabalho conjunto com Schegloff, Sacks inaugurou a Análise Conversacional para a sociologia americana que estabeleceu “a novel paradigm for researching the organization on human action in and through talk in interaction” (MAZELAND, 2006, p. 153).

⁶ Apesar de haver significativa diferença de idade entre os informantes infantis da pesquisa francesa e esta, o *input* ambiental e seus efeitos são pertinentes nos dois casos.

- Os adultos falam mais do que as crianças.
- As crianças falam mais para os pais do que para os irmãos.
- Na maior parte das vezes, as falas têm um destinatário específico.
- A criança mais velha se dirige ao irmão mais novo, mas não o contrário.
- A criança mais velha se refere com mais frequência aos pais e a outras pessoas presentes do que a criança mais nova.

Nota-se que aquilo que ocorre paralelamente aos diálogos entre crianças e adultos está sujeito a ser apreendido, aprendido e incorporado pelos infantes. Aí, estão inclusas novas palavras e novas expressões. (A expressão *paralelamente* usada acima faz jus a especial atenção).

Na seção que se segue, serão descritos alguns exemplos de uso de expressões religiosas cristãs usadas por uma criança brasileira que protagoniza um *corpus* oral naturalístico longitudinal. Há fortes indicações, como veremos, que as expressões “Glória a Deus”, “Obra de Jesus” e “Aleluia” produzidas pelo informante não foram a ela direcionada em ambiente familiar. Possivelmente essas expressões religiosas foram produzidas em um ambiente de conversação externo à sua residência, a saber, em um templo religioso que frequenta a avó e, eventualmente, em momentos de culto, o neto. Acredita-se que a criança foi aí exposta a interações conversacionais em que “Glória a Deus”, “Obra de Jesus” e “Aleluia” foram proferidas. Se isso for verdade, a constatação do uso de léxico religioso na fala infantil endossa os conceitos de “interação conversacional” e “exposição à linguagem” previamente apresentados, justificando a ampliação da extensão do *input* para além das díades adulto/criança.

4. Glória a Deus! – a igreja como espaço interativo

O informante infantil acompanhado no *corpus* vive em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, Brasil, que tem cerca de 4000 habitantes. A criança mora com a mãe e com a avó em uma casa com quintal, jardim e cachorro. A mãe é professora e trabalha em uma escola na cidade. A avó é aposentada, professora da fé protestante neopentecostal e frequenta regularmente um templo evangélico localizado bem próximo de sua residência, onde foram feitas as gravações dos diálogos entre mãe, filho e avó entre 2014 e 2019. As interações discursivas entre os três interlocutores foram coletadas em áudio durante sessões mensais com aproximadamente 30 minutos de duração cada uma. A compilação e o uso do *corpus* foram devidamente autorizados pelo comitê de ética da Universidade à qual se associa o grupo Corpus Infantil Longitudinal (CIL), responsável pela pesquisa.⁷ A transcrição do material em áudio foi feita pelo grupo CIL em sintonia com o padrão do projeto CHILDES (MACWHINNEY, 2000).

Para este artigo, foram considerados as gravações G.01, quando o informante tinha 0;05.01 de idade, até a gravação G.30, quando a criança, identificada pelo acrônimo G nas transcrições, chegou aos 2;08.01.

⁷ Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética da UFVJM [CAAE 57714216.5.0000.5108]. Para mais informações sobre *corpus*, ver Perini-Santos *et al.* (2019, 2022).

4.1. Dados lexicais – as expressões religiosas localizadas no *corpus*

A localização e seleção das ocorrências de expressões religiosas foram feitas através do software [®]AntConc, versão 4.2.0, desenvolvido por Anthony (2022). A busca se deu através de formas lexicais de presumida ocorrência [Aleluia], [Amém], [Bênção], [Consolador], [Cristo], [Deus], [Igreja], [Jesus], [Glória], [Graça], [Nossa Senhora], [Oração], [Pai], [Templo], [Salvador], [Senhor] e os verbos [Rezar] e [Orar], em diferentes realizações de tempo, modo e pessoa. As expressões localizadas no *corpus* são apresentadas na **Tabela 1**, onde optou-se pela anotação dos itens lexicais em suas grafias convencionais. Nos excertos que serão expostos, buscou-se reproduzir fielmente a fala dos interlocutores.

	Criança G	Mãe	Avó	TOTAL
1. Meu Deus	0	23	16	39
2. Igreja	12	12	4	28
3. Nossa, Nossa Senhora	0	7	10	17
4. Deus do céu	0	6	3	9
5. Aleluia	3	2	0	5
6. Jesus	0	1	4	5
7. Glória a Deus	2	2	0	4
8. Orei	2	0	1	3
9. Orando	0	0	3	3
10. Amém	0	1	1	2
11. Consolador	1	0	1	2
12. Graça	1	1	0	2
13. Senhor	1	0	1	2
14. Cristo	0	0	1	1
15. Deus	0	0	1	1
16. Glória	1	0	0	1
17. Meu Salvador	0	0	1	1
18. Obra de Jesus	1	0	0	1
19. Orou	0	1	0	1
20. Ora	0	1	0	1
21. Oração	0	1	0	1
22. Vai com Deus	0	1	0	1
TOTAL	24 (18,5%)	59 (45,4%)	47 (36,1%)	130 (100%)

Tabela 1 - Ocorrências das expressões religiosas pelos interlocutores (por ordem decrescente)

Fonte: elaboração própria

G produz 18,5% das ocorrências lexicais religiosas localizados no *corpus*. A mãe produz 45,4% e a avó, 36,1%. A criança usa 9 das 22 expressões elencadas na tabela. A mãe e a avó usam, cada uma, 13 das expressões reconhecidas. O termo mais frequente foi “Meu Deus”, com 49 entradas. Ele não foi localizado na fala da criança. A forma “igreja” teve 28 entradas e é a segunda expressão mais frequente.

G e a mãe falaram “igreja” 12 vezes. As formas “Nossa” e “Nossa Senhora”, juntas, tiveram 17 ocorrências: 7 vezes foi usada pela mãe e 10 vezes, pela avó. G não as utilizou em nenhuma ocasião. A primeira e a terceira expressões mais usadas exprimem sobressalto: susto ou admiração. A segunda expressão com maior frequência refere-se ao lugar onde ocorrem as cerimônias religiosas.

4.2. As expressões religiosas usadas pela criança em ato linguístico iniciatório

G falou “Aleluia”, “Glória a Deus”, “Glória”, “Senhor”, “Consolador”, “Graça”, “Obra de Jesus”, “Igreja” e o verbo Orar na forma pretérita da 1ª pessoa do singular “Orei”. Logo abaixo, serão apresentados detalhadamente esses usos infantis. Veremos nos excertos (1) e (2) que há expressões religiosas produzidas pelos adultos antes da fala infantil. Em seguida, veremos que, nos excertos (3), (4) e (5), há expressões religiosas que não foram usadas pelos adultos nos turnos de fala anteriores às ocorrências infantis. Nesses casos, coube a G o uso iniciatório dessas expressões durante a interação com a mãe ou com a avó. Além disso, falaremos algo a mais sobre os excertos (2), (3) e (5), que narram as situações discursivas em que G provavelmente teve contato com o léxico litúrgico em discussão.

4.2.1. Expressões inicialmente produzidas pelo adulto e depois pela criança G

Nesta subseção, foram analisados dois excertos em que ocorrem expressões religiosas introduzidas na conversa pelo adulto e, em seguida, repetidas pela criança. Antecedem cada excerto as informações sobre o número e a data da gravação, sobre a idade do informante na data do registro e algumas indicações sobre a situação das interações conversacionais. As análises e os comentários seguem as transcrições (1) e (2).

(1) G.25, 25/02/2017, G tem 02;05.01 de idade. Mãe, avó e filho conversam na hora do almoço sobre o culto do dia anterior.

[03'31"]

Avó: (Canta ao fundo) Chuva de graça...

Mãe: Isso, canta então.

G: Chuva de garça... Chuva pedido o Senhor....manda chuva [xxx]⁸

Avó: (Canta ao fundo) Chuva do consoladô...

G.: Consoladô...

Mãe: (Ri)

G: Aleluia!

Mãe: Amém, filho. De onde que é essa música?

⁸ Este e os demais trechos transcritos como [xxx] são trechos inaudíveis.

G: Da igueja.

Mãe: É da igreja?

G: Da igueja.

[04'02"]

Duas expressões religiosas do excerto (1) foram acima destacadas em negrito: “chuva de graça” e “consolador”. G as repete após a fala da avó que as cantarolou paralelamente à conversa em curso entre o filho e a mãe. Esse fato ilustra que a escuta da criança não se limitou aos significantes que lhe foram diretamente dirigidos. G escutou e atuou de forma responsiva. No mesmo ritmo, e a seu modo, G canta “chuva de graça” e “consoladô”, ecoando o que acabara de escutar da avó. Nesse trecho (1), ocorrem ainda as expressões “pedindo o Senhor”, “Aleluia” e “Amém” que serão analisadas mais adiante.

(2) G.25, 25/02/2017, G tem 02;05.01 de idade. Mãe, avó e filho conversam sobre o público presente no culto do dia anterior

[08'37]

Mãe: Hum... tinha gente demais.

Avó: Agora tá enchendo segunda-feira.

Mãe: (De forma jocosa) Parabéns.

Avó: Filho de Lucilene... Deixa eu ver...

quem mais... Ah, o menino de filho da mulher de Martim... um branco.

Mãe: Cê viu esse povo todo, filho?

G: Povo todo.

Mãe: Viu?

Avó: O pior é que todo mundo pede ele a paz do Senhor .

Mãe: Cê viu, filho?

G: (Exclama) Viu [!]

Mãe: Ihhh...

Avó: A filha da mulher daquela.... daquela... mercearia.

Mãe: Quê que cê fez lá na igreja ontem?

Avó: Fala assim: orei.

G: Orei.

Mãe: Cê orou para quê?

G: Pra [xxx] mamãe casá.

Mãe: Pra quê?

G: Orei pra mamãe casá.

Mãe: Cê ora pra isso todo dia filho?

G: Todo dia.

Avó: O pior que é lá na igreja e aqui dentro de casa.

Mãe: Num tá dando certo não, filho.

Acho que sua oração tá fraquinha.

Avó: Fala assim: vai dá sim!

Mãe: Ai, para mãe de ser chata.

Avó: Num é, preto?

G: Né.

Mãe (Direcionando-se à avó): Cê que fica ensinando essas coisas, né?

Avó: (Cantando ao fundo) Eu quero.

Mãe: É a vovó que ensina, filho?

Avó: Eu não ensino nada.

Mãe: É você que ensina sim.

Avó: Pergunta irmã Maria. Pergunta Maria de Fátima lá se é eu que ensino. Eu tô orando cá com pouco.... Ele tá orando lá que cê tá fazeno? Orano. Orando pra quê? Pra João casá com mamãe... Pra mamãe casá.

[09'58"]

Nesta passagem, G usa o verbo orar na mesma forma em que lhe foi demandada pela avó em seu turno de fala: “orei”. O pedido da avó acontece após a pergunta feita pela mãe sobre o que o filho teria feito na igreja no dia anterior. O evento da oração infantil narrado pela avó e endossado pela criança se situa no ambiente discursivo do culto ocorrido na véspera. G “orou” na igreja onde ele e a avó estavam. No trecho de diálogo (2), em análise, coube à mãe ecoar a fala do filho e dar prosseguimento ao tema introduzido pelo verbo “orar” apresentado pelo infante. O segundo uso de “orei” não é uma reincidência da repetição que G propusera anteriormente. A forma “orei” é, agora, uma ocorrência verbal conjugada pelo próprio informante infantil. Em resposta à pergunta da mãe “Cê orou pra quê?” G acresce ao verbo flexionado um argumento verbal que explicita o objetivo de sua entoada “orei pra mamãe casá”. Neste excerto, há ainda algo sobre a aprendizagem religiosa da criança que merece registro. Explicitamente questionada sobre o conhecimento litúrgico da criança, a avó nega sua responsabilidade, “não ensino nada”, e propõe que se confirme sua assertiva junto às parceiras de culto que poderiam, segundo ela, testemunhar que o neto fica “orando” “lá”, na igreja. Por esse relato, pode-se pensar que foi durante os cultos que G escutou e aprendeu “essas coisas” religiosas a despeito da vontade da mãe.

4.2.2. Expressões inicialmente produzidas por G e depois pelo adulto

Nos trechos (3), (4) e (5), aparecem destacadas as formas introduzidas no diálogo pela criança e replicadas pelos adultos. As análises e os comentários seguem os textos transcritos.

(3) G.22, 15/05/2016, G tem 02;02.01. A mãe leva as peças de um carrinho para o filho brincar que acidentalmente caem no chão. Após a fala de G, a mãe ri. G fica quieto no sofá e logo em seguida começa a urinar

[07'22"]

Mãe: Dá licença com a perna pra mamãe empurrá. Peraí. Arruma direito. Ih, filho, caiu, soltô tudo.

G: Sotô tudo.

Mãe: Soltô tudo. Pega lá pra mamãe.

G: Pegá pa mamãe?

Mãe: É, pega aí.

G: Pegá aí pa mamãe?

Mãe: An ran.

G: **Oga de Jesus!**

Mãe: Pega. Quê que cê tá fazendo, filho? Não. Vai fazer xixi no peniquinho. Peraí. Peraí, filho. Güenta aí, filho.

G: Pini.

[07'56]

(4) G.23, 15/03/2017. G tem 2;03.01. Mãe e o filho brincam no quarto após o almoço. G pede

insistentemente para a mãe amarre seus dedos com uma gominha.

[04'54]

Mãe: Tá. Calma. Não precisa gritar.

G.: Gritá?

Mãe: Gritá não.

G.: Gritá não. Aleluia! Gória a Deus, mamãe!

Mãe: Aleluia, Glória a Deus, filho. Cê qué que a mamãe amarra os dedinhos?

G.: Dedinho, assim.

[05'00"]

[06'30"]

Mãe: Mas não precisa gritá.

G: Gritá.

Mãe: Gritá não.

G: Aleluia, Glória a Deus, mamãe.

Mãe: Por quê que toda vez que a mamãe fala gritá você fala Aleluia Glória a Deus?

G: Dimarra assim dois.

Mãe: Cê qué que amarra assim, é isso?

G: Assim.

[06'48"]

(5) G.25, 15/03/2017. G tem 2;03.01. Mãe, avó e filho conversam na hora do almoço sobre o culto do dia anterior

[05'12"]

Mãe: Por que cê pediu à vovó, se não tá comeno?

G: Comeno?

Avó: Fazendo hora da minha cara.

Mãe: Hein? Por quê?

Avó: (Cantando ao fundo) Eu quero estar com Cristo...

G: [xxx] mamãe?

Mãe: Mas cê vai misturar a batata e o bolo, filho?

G: Não [xxx] comê o bolo.

Mãe: Então, come o bolo, mas não joga a batata aí dentro não, ué?

Avó: (Cantando ao fundo) ... onde a luta se travar...

Mãe: Tá gostoso?

Avó: (Cantando ao fundo) ...num lance

Mãe: Tá gostoso filho, tá?

Avó: (Cantando ao fundo) ...imprevisto.

G: (Cantando ao fundo) Na fente me encontra ta té teu que eu possa pela gó-ria se [xxx] da vitória [xxx].

Avó: (Cantando ao fundo) ... onde Deus vai me coroar.

G: Vai vá. (Cantarolando a mesma melodia) nha nha nha nha nha ia ia ia ia ia...

Mãe: Essa eu não conheço, não.

G: (Cantarolando) nham nham

Mãe: Qual que é essa que cê tá cantando?

G: Da igueja, mamãe.

Mãe: Mas qual? Eu não conheço.

G: Num conheço a igueja?

Mãe: Conheço não. Já fui tem muito tempo. Mas agora não vou mais não.

G: [xxx] não?

Mãe: Não, você gosta de ir na igreja

G: Na igueja.

Mãe: Cê gosta?

G: Gosta.

[07'04"]

Nos excertos (3), (4) e (5), foram localizadas expressões religiosas usadas por G em turnos de fala anteriores aos turnos de fala dos adultos.

No episódio registrado em (3), G expressa surpresa diante do acidente com as peças do brinquedo que caíram no chão ao excluir “Oga de Jesus”. A mãe não repete a expressão e dá prosseguimento ao tema que conduzia a conversa que será logo em seguida interrompida pela emergência de um episódio de escape de urina da criança. No trecho (4), a mãe repete a fala do filho. Em uma primeira vez, em tom descontraído, ecoa o uso infantil fazendo uso das mesmas expressões “Aleluia” e “Glória a Deus”. Na segunda vez em que G enuncia “Aleluia” e “Glória a Deus”, a mãe pergunta à criança por que ela usa especificamente essas duas expressões depois de chamar atenção da criança que estava falando alto: “Não precisa gritá”. Nota-se aqui uma indicação de serem expressões estrangeiras às interações dialógicas entre a mãe e o filho. No último trecho, excerto (5), novamente G serve-se da expressão “Glória”. A criança canta uma música religiosa que então era entoada pela avó paralelamente à conversa que tinha com a mãe. No mesmo turno de fala, G também usa a palavra “vitória” e o verbo no modo subjuntivo “possa” que não ocorrem em nenhuma outra fala dos três interlocutores em todo *corpus* compilado. Novamente, reconhecem-se aqui expressões passíveis de interpretação em uso litúrgico. Nesses momentos da interação conversacional, é G que primeiro produz as formas “Aleluia”, “Glória a Deus”, “Oga de Jesus” [< Obra de Jesus], “Igreja” e “Glória”. Nas falas da mãe, excetuando-se “igreja”, as expressões religiosas podem ser interpretadas como manifestações de admiração, surpresa e benquerença, comumente praticadas em ambientes religiosos.

5. Comentários finais – O *input* pode ser ampliado para além da CDS?

Dois argumentos apontam para a ampliação da extensão do *input* para além da Child Direct Speech.

O primeiro é o reconhecimento de expressões religiosas na fala da criança anteriores ao uso adulto. Se é fato que, por mais extenso que sejam os *corpora*, não são registrados todos os usos linguísticos dos informantes, também o é que, neste *corpus* infantil espontâneo, a criança G, com a idade entre 2;03 e 2;05 anos, introduziu nos diálogos expressões religiosas tematicamente estrangeiras às conversas em curso entre ele e os adultos interlocutores. E ainda, a repetição imediata das expressões feitas pela mãe também é uma indicação de singularidade do uso lexical infantil. Os casos em que G ecoou as expressões religiosas apresentadas pela avó, essas estavam presentes em textos produzidos *paralelamente* às interações dialógicas com a criança. Era a avó que cantava ao fundo, quando G interrompeu seu diálogo com a mãe e entoou a canção que trazia as expressões litúrgicas “chuva de graça” e “consolador” por ele repetidas. Assim, o *input* que levou à criança as formas por ela repetidas não era composto por informações da Child Direct Spoken, mas por palavras dispersas em um ambiente conversacional no qual ela se encontrava. Isso implica que a recorrente adjetivação

epitética ‘pobreza de estímulo’ associada à qualidade e à quantidade do *input* dirigido às crianças durante a aquisição da língua materna tem mais um motivo para ser revista.

O segundo argumento da pesquisa que sustenta a expansão do *input* infantil para além da CDS é a presumível origem das expressões religiosas localizadas na fala da criança. Os termos religiosos usados por G não fazem parte do rol temático ou do vocabulário praticados pela mãe durante as conversas com o filho. Dos 59 usos de formas religiosas atribuídos a ela, 36 expressam sobressalto. São as expressões exclamativas “Meu Deus”, com 23 entradas, “Nossa (Senhora)”, com 7 entradas, e “Deus do Céu”, com 6 entradas, que não foram, aliás, replicadas pelo filho. Dos 23 usos lexicais religiosos atribuídos à mãe que restam, 11 foram repetidos por ela após os usos iniciatórios da avó ou do filho e 12, especificamente a palavra “igreja”, se deram durante uma conversa sobre o que fora feito pelo filho na igreja no dia anterior como é narrado no excerto (5). Nesse mesmo trecho de diálogo, a mãe questiona a avó sobre a presença das expressões religiosas na fala do filho e tem como resposta apontamentos narrativos sobre o uso dessas expressões no âmbito do templo. Mesmo que a avó não solicite textualmente à criança o uso de palavras religiosas, como o faz com o termo “orei” no excerto (2), o neto a acompanha ao local dos cultos em que as homílias, os cantos, as orações e as interações conversacionais provavelmente se servem das referidas expressões reconhecidas pela pesquisa.⁹

Finalmente, parece-me ser de bom grado fechar o texto fazendo uso da feliz expressão de Morgenstern *et al.* (2021). A presença da criança em “habitats comunicativos” diversos a expõe a temas e a significantes que podem ser apreendidos, aprendidos e incorporados ao seu repertório linguístico para usos comunicativos futuros. Além de compartilhar com adulto a referência à qual se presta a atenção, a criança também é “afetada pela compreensão da informação do fluxo do discurso no fluxo discursivo” (ALLEN *et al.* p. 99, 2008) que a envolve.

⁹ Na apresentação de parte desta pesquisa no Congresso da ABRALIN (2023), um colega pesquisador indagou se a avó do informante não lhe teria direcionado discurso religioso na ausência da mãe-pesquisadora. Após agradecer e reconhecer a justeza e a pertinência do comentário, contemporizei o questionamento argumentando que essa fragilidade metodológica é inerente à pesquisa de corpus: *só se registra aquilo que o gravador alcança.*

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2175.R>

Editoras

Marianne C. B. Cavalcante

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

Alessandra Del Ré

Instituição: Universidade Estadual Paulista

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6740-9631>

Christelle Dodane

Instituição: Université Sorbonne Nouvelle

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3733-1263>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Angelina Nunes de Vasconcelos

Afiliação: Universidade Federal de Alagoas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4376-4740>

Avaliador 2: Severina Sílvia Maria Oliveira Ferreira

Afiliação: Faculdade Frassinetti do Recife

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3012-8550>

AVALIADOR 1

A pesquisa em questão busca investigar a presença de expressões religiosas na fala de uma criança em um contexto de interação familiar, especialmente considerando a relação entre o input direcionado à criança e suas expressões espontâneas. A abordagem adotada, que analisa dados provenientes de interações reais e espontâneas, oferece uma perspectiva valiosa sobre o desenvolvimento linguístico infantil.

A pesquisa realiza uma análise cuidadosa da Child-Directed Speech, destacando interações específicas entre a criança e os adultos. A identificação de expressões religiosas na fala da criança antes de serem introduzidas pelos adultos destaca uma dinâmica interessante no processo de aquisição da linguagem.

Os trechos (3), (4) e (5) são explorados para entender como expressões religiosas são inicialmente produzidas pela criança e, em seguida, replicadas pelos adultos. O estudo destaca a novidade dessas expressões na fala da criança, indicando uma possível influência de ambientes religiosos externos às interações diretas.

Uma sugestão para consideração do autor seria ampliar a discussão sobre a concepção de input na aquisição de linguagem. Embora o autor já tenha abordado a influência das expressões religiosas presentes no ambiente mais amplo da criança, seria valioso expandir essa discussão para enfatizar ainda mais a compreensão contemporânea do input. Poderia ser útil destacar explicitamente que, atualmente, há um consenso crescente de que o input não se limita apenas à Child-Directed Speech (CDS), mas abrange toda a linguagem ao redor da criança. Isso ajudaria a situar ainda mais a pesquisa dentro do contexto da visão moderna da aquisição de linguagem, reforçando a ideia de que as crianças aprendem de diversas fontes linguísticas em seu ambiente mais amplo.

Adicionalmente, o autor apresenta de maneira concisa duas perspectivas fundamentais, conforme propostas por Hoff e Naigles (2002); bem como GARROD; PICKERING, 2004, sobre a aprendizagem lexical infantil. No entanto, seria enriquecedor se o autor explorasse mais detalhadamente o contraste e a inter-relação entre essas abordagens, destacando como coexistem na prática. Uma sugestão é incorporar exemplos específicos ou estudos de caso que ilustrem a aplicação desses cenários na aprendizagem lexical. Isso poderia proporcionar uma compreensão mais tangível e aplicada das teorias apresentadas.

Observando o trecho específico em que a mãe destaca a repetição de expressões como "Aleluia" e "Glória a Deus" pela criança após a palavra "gritá" [06'30"], seria enriquecedor explorar mais profundamente esse padrão de repetição no contexto do desenvolvimento. Como leitor, fiquei intrigado com o significado subjacente dessa repetição após uma palavra específica como destacado pela própria mãe, e como ela se relaciona com os conceitos discutidos anteriormente no texto, como aprendizagem lexical por exposição à linguagem e interações conversacionais.

Por fim, ao descrever o momento em que a criança urina após a fala em negrito de G [07'22"], pode ser relevante considerar o uso do termo "episódio de incontinência urinária". Este termo pode transmitir uma conotação mais clínica e patológica, o que pode não ser apropriado para o contexto infantil, especialmente considerando a faixa etária de G. Uma alternativa mais suave e adequada poderia ser "um episódio de escape de urina". Isso mantém a precisão, mas evita uma conotação médica desnecessária, tornando a descrição mais compatível com o desenvolvimento infantil.

No geral, o texto possui uma base sólida e instigante, mas essas sugestões visam aprimorar a clareza e a aplicabilidade das ideias apresentadas, proporcionando uma contribuição ainda mais robusta ao campo.

AVALIADOR 2

O artigo sob avaliação apresenta-se adequado quanto à relevância temática e quanto ao título, resumo e introdução. Todavia, sugere-se com relação à metodologia:

1. Justificar o uso de um corpus com uma criança com idade de 2 anos e alguns meses já que a pesquisa de base (MORGENSTERN et al., 2021) utilizou um corpus com crianças de idade entre 7 e 11 anos.

2. Justificar, do mesmo modo, a relação entre o uso do registro “manhês” e os dados coletados, já que o mencionado registro geralmente não é mais utilizado com a criança após os 2 anos de idade.

Propõe-se ainda:

1. Realizar revisão gramatical do texto (pontuação, concordância, uso de aspas e de parágrafos etc.).

2. Item 1, página 2, primeiro parágrafo:

a) reescrever a primeira frase, a fim de dar-lhe sentido;

b) rever os demais enunciados, para dar mais clareza às ideias esboçadas.

3. Item 1, página 2, segundo parágrafo: rever, tendo em vista oferecer uma maior clareza com relação à organização das ideias.

4. Item 1, página 3, final do segundo parágrafo: indicar fonte bibliográfica da CDS.

5. Item 1, página 3, terceiro parágrafo: oferecer uma melhor caracterização do registro “manhês”.

6. Glossário: indicar o significado do uso ou não de negritos relativos à “fala da criança”, o uso de linhas pontilhadas, o uso de [xxx] etc.

Outros:

1. O autor não enumera as deficiências da pesquisa: elas não existem?

2. O autor não sugere um aprofundamento da pesquisa: não foi julgado necessário (que outros estudos sobre o tema sejam realizados)?

Recomenda-se a aceitação do artigo, com correções.

Conflito de Interesse

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

Agradecimentos

Agradeço aos professores do IEL/Unicamp Pablo Farias e Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro pela acolhida em seus cursos de pós-graduação durante meu estágio pós-doutoral. Em especial, agradeço à professora Rosa Attié Figueira pela supervisão da pesquisa pós-doutoral que gerou, entre outros resultados, este breve artigo.

Agradeço às pareceristas que propuseram críticas e sugestões muito pertinentes e valiosas. Essas foram respondidas ou incorporadas ao texto final do artigo. Como de praxe, vale registrar que as fragilidades e os erros que resistiram são de minha exclusiva responsabilidade.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Shanley; SKARABELA, Barbara; HUGHES, Mary. "Using corpora to examine discourse effects in syntax" In: BEHRENS, Heike (Ed). **Corpora in Language Acquisition Research – history, methods, acquisition research**. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 99-138. <https://doi.org/10.1075/tilar.6>
- ANTHONY, Laurence. **AntConc (Version 4.2.0)** [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2022.
- BAIA, M. de Fátima; PACHECO, Vera; FERREIRA, Daniele. O papel do Child-Direct Speech no desenvolvimento fonológico: A emergência de templates. **Fórum linguístico**, vol. 16, n. 4, p. 4076-4096, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **The dialogic imagination**. Austin: University of Texas Press, 1975.
- BAKHURST, David; SHANKER, Stuart. **Jerome Bruner: language, culture and self**. London: Sage Publications, 2001. <https://doi.org/10.4135/9781446217634>
- BALDWIN, Dare; MEYER, Meredith. "How inherently social is language?" In: HOFF, Eriak.; SHATZ, Marilyn. (Eds.) **Blackwell Handbook of Language Development**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 87-105.
- BARBOSA, Poliana Gonçalves; CARDOSO-MARTINS, Cláudia. Uma revisão dos estudos sobre a fala dirigida à criança e suas implicações para a aquisição inicial do vocabulário. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 14, n. 1, p. 195-210, jan./abr. 2014. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322014000100012>
- BRAUN-LAMESCH, Marie-Madeline, **La compréhension du langage par l'enfant**. Paris: Presse Universitaire de France, 1972.
- BRUNER, Jerome. **Acts of Meaning**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.
- CLARK, Eve. **First Language Acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- CLARK, Eve; CHOUINARD, Michelle. Énoncés enfantins et reformulations adultes dans l'acquisition du langage. **Langages**, vol. 140, p. 9-23, 2000. https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2000_num_34_140_2388
- COADY Jeffrey; ASLIN, Richard. Phonological neighbourhoods in the developing lexicon. **Journal of Child Language**, vol. 30, p. 441-469, 2003. <https://doi.org/10.1017/S0305000903005579>
- DE LEMOS, Cláudia. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Caderno de Estudos Linguísticos**, vol. 42, p. 41-69, 2002. <https://doi.org/10.20396/cel.v42i0.8637140>
- DIJKSTERHUIJNS, Ap; BARG, John. "The Perception-Behavior Expressway: automatic effects of social perception on social behavior". **Advances in Experimental Social Psychology**, vol. 33, p.1-40, 2001. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(01\)80003-4](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(01)80003-4)
- ENFIELD, Nick. **How we talk: the inner workings of conversation**. New York: Basic Books, 2017.

FARIA, Núbia. A Dificil Aritmética do Corpo e da Linguagem – reflexões sobre o input e a aquisição de linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, vol. 47, n. 1 e 2, p.69-81, 2005. <https://doi.org/10.20396/cel.v47i1/2.8637271>

FERGUSON, Charles. Baby talk in six languages. **American anthropologist**, v. 66, n.6, p. 103-114, 1964.

FIGUEIRA, Rosa. “La langue en mouvement: ce que la théorisation sur les occurrences divergentes doit à Saussure”. *Colloque le Cours de Linguistique Générale, 1916-2016*. Paris, 2018.
<https://www.clg2016.org/contribution/130.html>

FIGUEIRA, Rosa. Inovações na expressão da agentividade – episódios marcantes da trajetória linguística da Criança. **Linguística**, vol. 35, n. 2, p.105-127, 2019. <https://doi.org/10.5935/2079-312x.20190020>

FIGUEIRA, Rosa. “Extratos diários da infância: um domínio empírico para a teorização saussuriana”. In: PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta; RABELO, Núbia; FARIA, Bakker; SILVEIRA, Eliane (Orgs.) **Études saussuriennes aujourd’hui**. Roma: Aracne Editrice, p.175-203, 2023.

FRANÇOIS, Frédéric. **Interprétation et dialogue chez des enfants et quelques autres**. Lyon: ENS Éditions, 2005.

GARROD, Simon; PICKERING, Martin. Why is conversation so easy? **Trends in Cognitive Sciences**, vol.5, n.1, p.8-11, 2004. [10.1016/j.tics.2003.10.016](https://doi.org/10.1016/j.tics.2003.10.016)

HALLIDAY, Michael. Notes on Transitivity and Theme in English. **Journal of Linguistics**, vol. 3, p.199-244, 1967.
<https://doi.org/10.1017/S0022226700016613>

HART, Betty; RISLEY, Todd. **Meaningful Differences in the Everyday Experience of Young American Children**. Baltimore: Brookes Publishing, 1995.

HOFF, Erika; NAIGLES, Letitia. How children use input to acquire a lexicon, **Child Development**, vol. 73, n. 2, p. 418-433, 2002. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00415>

JEAN, Quigley; ELIZABETH, Nixon. Parent directed speech in dyadic and triadic interaction: Associations with co-parenting dynamics and child language outcomes. **Early Childhood Quarterly**, vol. 58, p. 125-135, 2022.
<https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2021.09.005>

JONES, Gary; CABIDDU, Francesco; LEE, Bethany; CASTRO, Antonio; BARRETT, Doug. How the characteristics of words on child-direct speech differ from adult-direct speech to influence children’s productive vocabularies. **First Language**, vol. 43, n.3, p. 253-282, 2023. <https://doi.org/10.1177/01427237221150070>

KOMESU, Fabiana. Diálogo e Dialogismo no processo da aquisição da linguagem. **ALFA: Revista de Linguística**, n. 46, p. 55-70, 2002.

LOUKATOU, Georgia; SCAFF, Camila; DEMUTH, Katerina; CRISTIA, Alejandrina; HAVRON, Naomi. Child-directed and overheard input from different speakers in two distinct cultures. **Journal of Child Language**, vol. 49, n. 6, p.1173-1192, 2022. <https://doi.org/10.1017/S0305000921000623>

LUO, Ya-Hui; CHANG, Chien-Ju; SNOW, Catherine. Mother-child talk during joint book reading in low-income American and Twainese families. **First language**, vol. 32, n. 4, 2011, p. 495-511, 2012.
<https://doi.org/10.1177/0142723711422631>

MACWHINNEY, Brian. **The CHILDES Project**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
<https://doi.org/10.4324/9781315805641>

MAZELAND, Harrie. "Conversation analysis". In: BROWN, Keith (ed.), **Encyclopedia of Language and Linguistics**. Amsterdam, Elsevier p. 3-153, 2006.

MORGENSTERN Aliyha; CAËT, Stéphanie; DEBRAS, Camile; BEAUPOIL-HOURDEL, Pauline; LE MENÉ, Marine. "Children's socialization to multi-party interactive practices". In: CARONIA, Letizia. (Ed.) **Language and Social Interaction at Home and School**. Amsterdam: John Benjamins, 2021, p. 45-85 <https://doi.org/10.1075/ds.32>

MORGENSTERN, Aliyha. Children's multimodal language development from an interactional, usage-based, and cognitive perspective, **WIREs Cognitive Science**, vol. 14, n. 2, p. 1-20, 2022. <https://doi.org/10.1002/wcs.1631>

ORVIG-SALAZAR; Anne; DE WECK, Geneviève; HASSAN, Rouba; RIALLAND, Annie. **As implicações de uma abordagem dialógica para a aquisição de linguagem: o exemplo de uma pesquisa sobre a aquisição de expressões referenciais**, *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 16, n. 1, p. 157-183, 2021. <https://doi.org/10.1590/2176-457335352>

PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta; RABELO, Núbia; FARIA, Bakker; SILVEIRA, Eliane (Orgs.) **Études saussuriennes aujourd'hui**. Roma, Aracne Editrice, 2023.

PERINI-SANTOS, Pedro; FERREIRA-SANTOS, Lídia; LEAL, Juliana; BODOLAY, Adriana. Pesquisa longitudinal: a evolução do uso lexical de uma criança dos 5 aos 22 meses de vida em um diário parental. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 1, p. 73-104, 2019. [10.17851/2237-2083.27.1.73-104](https://doi.org/10.17851/2237-2083.27.1.73-104)

PERINI-SANTOS, Pedro; BODOLAY, Adriana; FABRI, Tatyane; FERREIRA-SANTOS, Lídia. Sobre o reconhecimento dos dados linguísticos de um corpus infantil: a comunicação como fator relevante. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 30, n. 1, p. 351-375, 2022. [10.17851/2237-2083.30.1.351-375](https://doi.org/10.17851/2237-2083.30.1.351-375)

RAVID, Dorit; DRESSLER, Wolfgang; NIR-SAGIV, Bracha; KORECKY-KRÖLL, Katharina; SOUMAN, Agnita; REHFELDT, Katja; LAAHA, Sabine; BERTL, Johannes; BASBØLL, Hans; GILLIS, Steven. "Core morphology in child directed speech". In: BEHRENS, Heike (Ed.). **Corpora in Language Acquisition Research history, methods, acquisition research**. Amsterdam: John Benjamins, p. 25-60, 2008. <https://doi.org/10.1075/tilar.6>

SÁ, Adriana. Estudo das interações promovidas por perguntas e respostas durante o compartilhamento de leitura em casa. 82f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar). Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2023.

SNOW, Catherine. Input to interaction to instruction: three key shifts in the theory of child language research. **Journal of child language**, n. 41, p. 117-123, 2014. <https://doi.org/10.1017/S0305000914000294>

SUTRORA, Chiara; ZUCCARINI, Mariagrazia; ACETI, Arianna; CORVAGLIA, Luigi; GUARINI, Annalisa; SANSAVINI, Alessandra. The Effects of a Parent-Implemented Language Intervention on Late-Talkers' Expressive Skills: The Medial Role of Parental Speech Contingency and Dialogic Reading Abilities. **Frontiers in Psychology**, vol. 12, 2021. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.723366i98>

TOMASELLO, Michael. "Acquiring syntax is not what you think". In: BISHOP, Dorothy; LEONARD, Laurence. (Eds.), **Speech and language Impairments in Children: causes, characteristics, intervention and outcome**. London/New York: Psychology Press, 2000.

TOMASELLO, Michael. **Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition**. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, Michael; TODD, Jody. Joint attention and lexical acquisition style. **First Language**, vol. 4, 197-212, 1983. <https://doi.org/10.1177/014272378300401202>